

a cidade

REVISTA CULTURAL DE PORTALEGRE

N.º 9 (Nova Série)

1994

toda luz de olhos, que em distâncias, canta

A CIDADE
Revista Cultural de Portalegre

N.º 9 (Nova Série)

•

1994

Preço: 1000\$00

F I C H A T É C N I C A

Director

António Ventura

Conselho de Redacção

António Camões Gouveia

António Miguel Martinó de Azevedo Coutinho

António Ventura

Aurélio Augusto Bentes e Bravo

Elsa Fino

José Dias Heitor Patrão

Manuel Inácio Pestana

Edição e Propriedade do Atelier de Artes Plásticas de Portalegre

Cont. n.º 501888403

Reg. de Emp. Jorn. n.º 212580

Reg. Publ. Perió. n.º 112581

Redacção – Largo do Município, n.º 35, 1.º, Tel. 24 188
7300 PORTALEGRE

Composição e impressão: Guide – Artes Gráficas, Lda.

Rua das Figueiras, Lote 12-1.º

Póvoa de Santo Adrião

ISSN 0871-1097

Depósito Legal n.º 20031/88

Periodicidade: Anual

Tiragem: 1500 exemplares

Os artigos assinados reflectem unicamente a opinião dos seus autores. A direcção da revista não se compromete com a publicação ou a devolução dos artigos não solicitados

- 5 **Editorial**
- 7 **Levita, Almada e Dantas. O feitiço contra o feiticeiro**
Rita Marnoto
- 23 **Nota sobre a poesia de Francisco Bugalho**
Maria Aliete Galhoz
- 33 **Notas para uma Leitura da poesia de António Sardinha**
António Cândido Franco
- 43 **As Orações de Soror Maria da Pureza, de Florbela Espanca**
Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho
- 49 **Régio e os alicerces teórico-programáticos da «Presença»**
F. J. Vieira Pimentel
- 67 **Algumas Reflexões sobre *Uma Gota de Sangue (A Velha Casa, I)*, de José Régio**
Carina Infante do Carmo
- 75 **Uma leitura do Alentejo em Garibaldi de Andrade**
Maria da Natividade Pires
- 91 **Garibaldi de Andrade em Angola. Um destino inquietante**
Leonel Cosme
- 99 **Cruz Malpique, paladino de um humanismo personalista**
Paulo Samuel
- 111 **Sobre Almeida Firmino – um abrir da memória**
Álamo de Oliveira
- 117 **Cristovam Pavia; 35 poemas, 35 anos de vida**
Fernando J. B. Martinho

- 125 **O Castelo dos Destinos Cruzados – o encontro de três poetas no Alentejo (Castelo de Vide): Francisco Bugalho, Cristovam Pavia e António Luís Moita**
João Garção
- 145 **A Poesia *incoerente* de José Duro**
Carlos Ceia
- 165 **João Pedro de Andrade**
Raul Cóias Dias
- 175 **Iniciação à leitura dum poeta**
Carlos Garcia de Castro
- 185 **Manuel Tavares Cavaleiro – poeta portalegrense do «Sucesso de Montes Claros»**
Manuel Inácio Pestana
- 199 **O prefácio de Fidelino de Figueiredo aos *Diálogos* de Amador Araiz: análise e crítica**
José Manuel Tapadinhas Lança
- 211 **A propósito de Teatro**
Nicolau Saião
- 219 **Escritores do Distrito de Portalegre no *Dicionário Bibliográfico Português***
Fernando Correira Pina
- 225 **A Universidade de Évora e os Estatutos confirmados em 1567**
Maria Benedita Araújo
- 271 ***Inéditos de***
José Duro, Vitorino Nemésio, José Régio, Branquinho da Fonseca, António Sardinha, Francisco Bugalho, apresentados e anotados por António Ventura
- 291 ***Poemas de***
Fernando Botto Semedo, Orlando Neves, Ruy Ventura
- 297 ***Notas de Leitura***
- 299 ***In Memorian***

Capa de Raul Ladeira sobre uma fotografia do céu de Portalegre. O verso é de Francisco Bugalho.

Este número de *A Cidade* foi subsidiado pela Câmara Municipal de Portalegre

Regressamos aos números temáticos que caracterizam esta nova série de A Cidade.

Embora procuremos diversificar os temas e as colaborações, o peso dos estudos no âmbito da História tem sido sensível. Desta vez, porém, o tema escolhido é a Literatura, com uma única exceção – um estudo sobre os estatutos da Universidade de Évora confirmados em 1567. Reunimos, neste volume monográfico, cerca de duas dezenas de estudos, na sua maior parte sobre escritores de várias épocas vinculados de algum modo a esta região norte-alentejana. De Frei Amador Arraes e Manuel Tavares Cavaleiro, autores, respectivamente dos séculos XVI e XVII, até aos contemporâneos, como Almeida Firmino, Cristovam Pavia, Garibaldino de Andrade, José Régio e Francisco Bugalho, passando por José Duro e António Sardinha. Evoca-se o quase desconhecido Francisco Levita, divulgador do Futurismo e crítico de Almada Negreiros.

Assinala-se o centenário do nascimento de Florbela Espanca. Outros textos incidem sobre o Teatro, a poesia de Silva Pinto e os escritores naturais do Distrito de Portalegre referidos por Inocêncio Francisco da Silva no seu Dicionário Bibliográfico Português. Para além das notas de leitura e da habitual secção de Poesia, com trabalhos de Orlando Neves, Fernando Botto Semedo e Ruy Ventura, publicamos ainda um valioso conjunto de inéditos de José Duro, António Sardinha, Vitorino Nemésio, José Régio, Francisco Bugalho e Branquinho da Fonseca.

Levita, Almada e Dantas.

O feitiço contra o feiticeiro

Rita Marnoto *

Quando, no marasmo da Lisboa de 1915, Almada Negreiros publica o célebre *Manifesto anti-Dantas e por extenso*, é o país todo que estremece perante a arrogância com que um jovem com pouco mais que vinte anos, frequentador do *cabaret* «Bristol club» e das tertúlias da «Brasileira», ousa desafiar o vetusto Júlio Dantas. O Portalegrense Francisco Levita não teria ficado menos chocado com esse panfleto, mas por outros motivos – dignar-se dar atenção a semelhante «imbecil», era atitude que só poderia partir de alguém tão «cretino» como o próprio Júlio Dantas, conforme diz no manifesto que dá aos prelos em Coimbra, no ano de 1916, intitulado *Negreiros – Dantas. Uma página para a história da Literatura Nacional*, e que reproduzimos anastaticamente, em apêndice, a partir da cópia pertencente à biblioteca particular do Senhor Doutor António Ventura.

Pintor, caricaturista, cenógrafo, bailarino, actor, poeta, romancista, dramaturgo e ensaísta, Almada sempre teve o dom de inspirar uma admiração ou uma antipatia imediatas. Mas, naquela segunda década do século, quando, da mesa dos cafés da Baixa lisboeta, desferia as mais sarcásticas *boutades* contra a intelectualidade lusitana, ou quando subia ao palco do «Teatro República», vestido com um fato macaco, para rematar a primeira parte de uma intervenção em que incentivava o público a aderir ao seu programa de renovação cultural com o grito «Coragem, portugueses, só vos faltam as qualidades», jogava, deliberada e despudoradamente, com a extremização das reacções que inspirava. Para os passadistas, o carácter provocatório das suas intervenções suscitava condenações violentas, e fazia reavivar o ódio pelos de *Orfeu*; para os que ansiavam por uma renovação das mentalidades, a excentricidade da sua pessoa e a bizzaria das suas atitudes faziam dele um mito da modernidade.

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O olhar crítico que Francisco Levita dirige a Almada Negreiros escapa, porém, a qualquer dos pólos desta axiologia, pois nada tem a ver nem com o repúdio dos mais retrógados, nem com o apoio entusiástico que lhe é tributado pelos simpatizantes dos movimentos de vanguarda. As estratégias textuais que enformam o seu manifesto ficam para além dos padrões [Galhoz, 1976: VII-XX] que dominam a generalidade das reacções que então vieram a lume, nas páginas da imprensa. A desafiar o grande vanguardista, cujo nascimento foi celebrado, no ano transacto, com uma mais que merecida homenagem, não foi o único; mas a fazê-lo enquanto vanguardista, teria sido um dos poucos.

1 de Francisco Lopes de Azevedo Coelho de Matos Castelo Branco Levita [Marnoto, 1988-89-90] nasce um ano depois de Almada, isto é, em 1894, na cidade/Portalegre, filho de José Júlio Levita de Matos Castelo Branco. Em 1913, matricula-se na Faculdade de Direito de Coimbra, onde completará a sua licenciatura cinco anos depois. Embarcado para Luanda, logo ocupa o importante cargo de Procurador Geral da República em Angola, onde morre suicida, em 1924, quando a doença que há anos o minava lhe augurava pouco tempo de vida.

A data de nascimento não é, todavia, a única referência biográfica que aproxima os dois vanguardistas. Ambos passaram pelos bancos do Liceu Central de Coimbra, então instalado no Colégio de S. Bento, aos Arcos do Jardim, cujos arquivos se encontram actualmente depositados na Escola Secundária José Falcão. Conforme o documenta o livro de registos cujo termo de abertura foi lavrado a 24 de Outubro de 1910, José Sobral d'Almada Negreiros é o aluno n.º 6 da turma D da 6.ª classe, Secção de Ciências, que perdeu o ano por faltas. Não resulta dos registos da secretaria deste Liceu que Levita o tivesse frequentado. Todavia, foi nessa instituição que prestou provas de exame do Curso Complementar, Secção de Letras, enquanto aluno externo, de acordo com o termo redigido a 19 de Julho de 1913.

Quando, com a instauração da República, o Colégio de Campolide (que era dirigido por Jesuítas, e que José de Almada Negreiros, juntamente com o seu irmão António, cerca de dois anos mais novo, frequentavam desde 1900) fecha as suas portas, os irmãos Almada são mandados para Coimbra, onde um amigo do pai os acolhe [Negreiros, ²1985: 35]. Esse amigo seria o insigne botânico Júlio Augusto Henriques. Morava próximo dos Arcos do Jardim, ali a dois passos da Rua dos Militares, na antiga Alta destruída, onde Francisco Levita viveu pelo menos durante o período universitário.

A terminar o *Negreiros - Dantas*, Levita afirma: «Este Sterico que eu vi já fazer de gaivota, bailando em noites de podridão, classificou-se agora, é o Dantas n.º 2». Será lícito interpretar esse «ver» em sentido documental? Mesmo que tal hipótese seja posta em causa pelo estatuto da ficção literária, enquanto universo de possíveis, é difícil acreditar que as sombras deixadas pela passagem de dois jovens que irradiavam fulgor e vitalidade, dotados de um tempe-

ramento igualmente irrequieto e provocador, num meio pequeno, nunca se tivessem cruzado, ainda que obliquamente.

Assim recorda Mário Machado o Almada de Coimbra:

Alma inquieta, espírito lucidíssimo, inclinação precoce para a arte, a cidade parecia de estreitos e limitados horizontes para o voo largo e amplo da sua imaginação criadora [...] traços vincados de artista, cabelos encaracolados e ao vento, autêntica gaforina de poeta ou boémio do bairro-latino, um *rictus* de ironia causticante e simultaneamente com laivos duma generosidade e estranha simpatia que imediatamente prendiam os que dele, porventura, se acercavam e com ele viessem a ter o supremo prazer de conviver.

[Machado, 1960: 3]

Segundo Rafael Salinas Calado, a inquietude era também um dos traços que caracterizavam aquele estudante que se tornou tão popular na cidade, que logo ficou conhecido como «Xico Levita» [Sá, 1951]:

Era um rapaz delgado, excessivamente nervoso e irrequieto, muito bem educado, de boas famílias, leal, afectivo e decidido. Creio bem que não devia ter ido para Coimbra, onde se arruinou, e deu cabo da saúde, que não era muita [...] Recordo com saudade a sua gentileza e camaradagem. Era orgulhosa e desembaraçadamente republicano, ao contrário da maior parte da academia, que era monárquica, ou indiferente.

[Calado, 1961: 271]

Sarah Afonso [Negreiros, 1985: 35] evoca o magnífico episódio que pôs fim à estadia coimbrã de Almada Negreiros, um ano durante o qual desenhou, jogou à bola, chegando a envergar a camisola do clube da academia [Machado, 1960: 3], mas pouco estudou. Quando a actriz italiana Mimi Aguglia vai a Coimbra fazer um espectáculo, alguns estudantes pedem-lhe que arranje, lá pelos famosos jardins do estudioso de botânica que o acolhe, um belo ramo de flores, para lhe oferecer. O hóspede não se atreve a tanto, mas a facilidade que oferece aos amigos, deixando porta de casa entreaberta, terá consequências desastrosas – é toda a estufa a ser saqueada. O professor perde a paciência, e escreve ao pai dos rapazes, comunicando-lhe que a sua disponibilidade chegara ao fim. Almada parte para Lisboa, juntamente com o irmão, para iniciar um dos períodos mais alucinantes, senão o mais alucinante, da sua carreira artística. É a esses anos que remonta o núcleo da sua produção literária e programática que mais o aproxima do vanguardismo dos futuristas italianos. Ao assinar o *Manifesto anti-Dantas*, intitula-se «José de Almada Negreiros poeta d'Orfeu futurista e tudo».

Por Coimbra, Levita não se coíbe em exhibir, da mesma forma, as suas excentricidades. Rafael Salinas Calado [Calado, 1961: 271-273] relata-nos duas cenas da sua vida de boémio, qual delas a mais deliciosa. Quando, no dia de Camões, o lente e antigo sacerdote Alves dos Santos faz uma conferência

sobre o poeta, na sala dos Capelos, e se serve do seu nome como pretexto para defender a República, Levita, também ele republicano, faz ressoar a sua voz potente na solenidade da sala, absolutamente repleta, para se perguntar: «Isto é um comício, ou que pouca vergonha é esta?». O lente ficou atônito, e, num segundo, a multidão, que subitamente tomara consciência do verdadeiro teor da lição que ouvia, esvaziou a sala.

Noutra ocasião, é o luxo sofisticado e o ambiente requintado do Hotel do Bussaco a atraí-lo. Para lá se dirigiu, num belo automóvel alugado, com dois amigos. A sala de jantar estremeceu com a chegada do despreocupado grupo de estudantes. Cumprimentou, pôs um ar soberano, e encomendou, com desprezo, um almoço composto por galinha com chocolate, omelete de pêsego e champanhe «Cliquot» gelado. Enquanto ia gozando o impacto da sua presença desenvolta, mandou vir charutos dos melhores. Por fim, pagou e gratificou egregiamente, fazendo gala em exibir a abundância material em que de facto vivia, e acabando por sair em apoteose. Mas, logo que o carro se pôs em andamento, verificou-se que o fascínio da ementa estava para as perturbações digestivas de que foi causa.

Um tal programa gastronómico, associado a atitudes de irreverência como a que toma na sala dos Capelos, honrariam o *curriculum* de qualquer futurista italiano. De facto, Pierre Rivas [Rivas, 1974: 126], na sua resenha do futurismo português, não esquece a personalidade de Francisco Levita, que admite ter sido um dos primeiríssimos leitores que Marinetti teve em Portugal.

O gosto que nutre pela extravagância, paradoxalmente, parece manter relações de coexistência com um apurado sentido de decoro, através de uma simbiose que saberá explorar com grande fineza, como o documenta, além destes episódios biográficos, o próprio *Negreiros – Dantas*. Na verdade, os seus repertos traduzem a *coquetterie* de quem é capaz de ser afável, e até popular, sem perder o sentido de distanciamento em relação a tudo quanto o rodeia. Há, nas suas atitudes provocadoras, um elitismo solidamente firmado sobre a segurança que lhe é oferecida quer por uma situação económica confortável, quer por uma posição social de prestígio e por uma educação esmerada.

Levita era viajado. No primeiro volume de poesia de sua autoria, *Ilusões*, publicado em Coimbra no ano de 1915, uma edição de autor de que a Livraria França & Arménio se fez depositária, encontramos composições escritas não só em Portalegre e em Coimbra, como também em Lisboa e em Liège, estas últimas com data de 1912. O livrinho reúne um conjunto de pouco mais que duas dezenas de poemas, de inspiração simbolista e decadentista [Marnoto, 1988-89-90: 150-151], antecedido por uma nota onde o autor assume a sua juventude: «Lede estes versos e não esqueçais que são dum novo». O seu nome já era conhecido, aliás, dos leitores dos jornais de Portalegre *A cidade* e *A plebe*. Todavia, quando, no ano seguinte, ele volta a ser vazado em letra de forma, será

para trazer a público um labor artístico de bem diversa índole, com esse magnífico folheto que é o *Negreiros – Dantas*.

Este panfleto é formado por duas folhas dobradas e unidas, de modo a constituir um pequeno caderno, onde o corpo do texto, propriamente dito, ocupa três páginas. A comprovar o seu êxito, surge, nesse mesmo ano de 1916, uma segunda edição, em tudo idêntica à primeira, mas em cujo frontispício se acrescenta a informação «(2.^a edição – 2.^o milhar)», número por certo não irrelevante, a corresponder à verdade, para a Coimbra, daqueles anos. A folha de guarda é ornamentada por grelhas florais de arte nova muito delicadas, o que, associado ao subtítulo *Uma página para a história da Literatura Nacional*, induz quem lê a pensar que tem nas suas mãos um protocolar texto «sério». Essa impressão parece confirmar-se com a folha seguinte, onde o título e o subtítulo se repetem. Mas quando, subitamente, é dado ao leitor observar o corpo do manifesto propriamente dito, e os seus olhos deparam com uma mancha textual onde o uso de processos gráficos de vanguarda salta à vista, ele é repentinamente colhido de surpresa. De facto, a forma como o folheto é organizado, não só sob o ponto de vista textual, como também sob o ponto de vista gráfico, põe em acção um complexo jogo estratégico com o horizonte de espera do destinatário.

O texto de Levita articula-se em três partes, uma pequena introdução e duas secções, uma intitulada «espaço norte», outra referida como «espaço sul». No preâmbulo são apresentadas as condições que presidiram à sua feitura, com a consequente remissão, logo desde o início, para o plano da enunciação. O «espaço norte» corresponde à área textual onde o experimentalismo gráfico se faz mais notório. Na terceira parte, por sua vez, fica contido o ataque directo que é dirigido contra o Almada do *Anti-Dantas* e contra o próprio Júlio Dantas.

O texto é apresentado como resultado de uma operação fotográfica. O seu autor leu no espaço o diário que fixou na sua retina, e que revelou através da sua mente. Daí a abundância de vocabulário que tem a ver com o campo semântico da fotografia – a «lente», a «câmara escura da íris», a «revelação», ou o «laboratório fotográfico» ao qual é comparado o seu cérebro. Neste sentido, Levita aplica, com toda a propriedade, os princípios preconizados na décima primeira alínea do *Manifesto tecnico della letteratura futurista*, que é aquele onde se concentram algumas das ideias chave do programa literário defendido por Marinetti e pelos futuristas italianos:

11. **Distruggere nella letteratura l' «io»**, cioè tutta la psicologia. L'uomo completamente avariato dalla biblioteca e dal museo, sottoposto a una logica e ad una sagesza spaventosa, non offre assolutamente più interesse alcuno. Dunque, dobbiamo abolirlo nella letteratura, e sostituirlo finalmente colla materia, di cui si deve afferrare l'essenza a colpi d'intuizione, la qual cosa non potranno mai fare i fisici né i chimici.

Sorprendere attraverso gli oggetti in libertà e i motori capricciosi la respirazione, la

sensibilità e gli istinti dei metalli, delle pietre, del legno, ecc.. Sostituire la psicologia dell'uomo, ormai esaurita, con l'**ossessione lirica della materia**.

[Marinetti, 1968: 44]

[11. **Destruir na literatura o «eu»**, isto é toda a psicologia. O homem completamente estragado pela biblioteca e pelo museu, submetido a uma lógica e a uma sabedoria assustadoras, já não oferece absolutamente nenhum interesse. Portanto, devemos abolir-lo da literatura, e substituí-lo finalmente pela matéria, cuja essência se deve apreender através de golpes de intuição, coisa que nunca poderão fazer os físicos nem os químicos.

Surprender através dos objectos em liberdade e dos motores caprichosos a respiração, a sensibilidade e os instintos dos metais, das pedras, da madeira, etc.. Substituir a psicologia do homem, já esgotada, pela **obsessão lírica da matéria**.]

No contexto do modernismo português, a posição de Levita não deixa de ser digna de nota, se tivermos em linha de conta que o mito da máquina é escassamente tematizado. E mesmo quando o Álvaro de Campos da *Ode triunfal*, publicada em 1915, no primeiro número de *Orfeu*, canta o mundo da tecnologia, começa por exprimir, nos versos iniciais desse seu magnífico poema, a saturação perante a «luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica», que classifica como «dolorosa», dizendo-se «fera para a beleza disto».

Na segunda parte do *Negreiros – Dantas*, o «espaço norte», se, por um lado, são actualizados alguns dos mais arrojados pontos programáticos da estética futurista, por outro é levada a cabo uma descarada troça da produção poética do grupo de *Orfeu*.

A lição futurista está bem patente na forma como é construído o texto. O aspecto gráfico é o que chama logo a atenção do leitor – recurso a caracteres tipográficos de vários tamanhos, interposição de símbolos numéricos, profusão de sinais de pontuação. Além disso, em cada um dos segmentos textuais, gravados em carregado, que serve de abertura aos seis blocos em que se subdivide o «espaço norte», é incluída uma fórmula qualificativa que actualiza o modelo do «adjectivo semafórico», «adjectivo-farol», «adjectivo-atmosfera» conforme fora preconizado por Marinetti [Marinetti, 1968: 64, *Distruzione della sintassi. Immaginazione senza fili. Parole in libertà*], o que dá lugar a uma cadeia de analogias que introduz uma terceira e uma quarta dimensões, em sentido espacial e em sentido temporal. Se acrescentarmos a isto a acumulação de fórmulas onomatopaicas, e a disposição das palavras ao acaso, de acordo com a técnica futurista das palavras em liberdade, verificamos que Levita se encontra em perfeita sintonia, mais uma vez, com o programa do *Manifesto tecnico della letteratura futurista*:

Solo per mezzo di analogie vastissime uno stile orchestrale, ad un tempo policromo, polifonico, e polimorfo, può abbracciare la vita della materia. [...]

Per dare i movimenti successivi d'un oggetto bisogna dare la *catena delle analogie* che esso evoca, ognuna condensata, raccolta in una parola essenziale.

[Marinetti, 1968: 42 e 43]

[Só através de analogias vastíssimas um estilo orquestral, ao mesmo tempo polí-cromo, polifónico e polimorfo, pode abraçar a vida da matéria [...]]

Para dar os movimentos sucessivos de um objecto é necessário dar a *cadeia das analogias* que evoca, cada uma das quais condensada, recolhida numa palavra essencial]

Tudo isto mostra que o autor do *Negreiros* – *Dantas* possuía um conhecimento de modo algum superficial dos princípios teóricos defendidos pelos futuristas italianos. Mas a estética futurista não é a única referência intertextual sobre a qual assenta esta parte do panfleto. Se, ao nível do código, a remissão para os preceitos de Marinetti ganha toda a pertinência, destaca-se, na forma como esse modelo é actualizado, uma série de elementos expressivos que leva a marca das páginas de *Orfeu*.

O primeiro bloco do «espaço norte» abre-se com uma menção à cor roxa, nota cromática que é muito frequente na poesia de Mário de Sá-Carneiro. Além disso, as impressões de um narcisismo dolente que de seguida são registadas bem poderiam visar a poética do sensacionismo. Mas recorde-se que também nos treze sonetos que um poeta como Alfredo Guisado publica no primeiro número de *Orfeu* a adjectivação é extremamente profusa, e que, na mesma revista, volvidas algumas páginas, esse qualificativo volta a ser utilizado por Cortes-Rodrigues.

No segundo parágrafo, sensações ópticas e auditivas são associadas a sons onomatopaicos e em eco, gerando efeitos de sinestesia. As sugestões espiritualistas que o envolvem, e que recordam as especulações filosóficas de Raul Leal, prolongar-se-ão pelo parágrafo seguinte, onde é exaltado o [i] da palavra «benzina». De facto, este é um som chave do *Manifesto anti-Dantas*, onde a partícula «pim!» vai sublinhando as bombásticas asserções de Almada. No livro que Francisco Levita há-de publicar, no mesmo ano de 1916, *I assim... poemas seguidos do elogio do I e da tragédia em I acto Amor! Amor!* (Coimbra, França & Arménio), é incluído, como o seu título o diz, um poema intitulado *Elogio do I*.

A troça da estética romântica de Werther, contida no quarto bloco textual, encerra em si algumas coincidências fantasmáticas. O poeta que daí a oito anos se viria a suicidar, diz que já tem uma letra do nome do personagem a quem Goethe havia destinado um trágico fim, o W, que, por sinal, é a letra das iniciais do nome daquele a quem Álvaro de Campos já tinha dedicado a *Saudação a Walt Whitman*, ainda inédita.

O quinto bloco textual contém uma referência ao tema da viagem, que também remete para Álvaro de Campos e para a *Ode marítima*, publicada no segundo número de *Orfeu*. Mas todos os intelectuais que se reuniam em torno desta revista se deixavam fascinar pelo que, no campo das letras ou das artes visuais, se fazia lá fora. Talvez seja essa a razão das alusões ao mundo da pin-

tura, sabido como é que entre os de *Orfeu* muitos eram os que se dedicavam à tela e ao debuxo – Santa Rita e Amadeu de Sousa Cardoso, que tinham estudado em França, José Pacheco, e, é claro, o próprio Almada Negreiros.

Por fim, a «cor de GaliZZZA» lembra o equívoco gerado por Fernando Pessoa, conforme ele próprio o evoca [Castex, 1968: 60], quando, para conferir maior credibilidade ao heterónimo de Álvaro de Campos, envia a *Ode Triunfal* à redacção da revista em papel timbrado do Casino da Galiza. E a troça desfaz-se com uma cantilena de crianças, como que a mimar a facilidade de uma escrita infantil.

Os processos gráficos utilizados ao longo destas páginas são mais exuberantes do que os que encontramos no *Anti-Dantas* – que não é por isso que deixa de ser o excelente manifesto que de facto é –, cuja mancha apenas tem de particular o desenho de uma mão a negro. Neste sentido, Levita, em conformidade com os preceitos programáticos dos futuristas italianos, explora processos também utilizados nas páginas de *Orfeu* por Mário de Sá-Carneiro e por Álvaro de Campos. O livro que dentro de pouco tempo publica, *I assim... [...]*, ilustra, aliás, as potencialidades do seu risco. Se o pequeno volume se abre com um *ex libris* desenhado em linhas geométricas, um poema gráfico como o intitulado *Apoteose à censura* é formado por um enorme ponto de exclamação, acompanhado por uma nota onde se lê «(a) Portugal».

No «espaço sul», que é a terceira parte do *Negreiros – Dantas*, concentra-se a expressão de uma negatividade provocadora. Neste caso, o ataque desferido contra Almada é frontal, com a citação, em sentido crítico, de alguns passos do *Manifesto anti-Dantas*, nomeadamente aqueles em que Almada se intitula «Futurista e Tudo», ou em que insulta o Dantas por «usar ceroulas de malha» e «por cheirar mal da boca». E quando Levita argumenta que usar ceroulas de malha pode nada ter de negativo, porque se essas ceroulas forem «cor de ‘nile’ dão intelecto ao possuidor», mostra-se a par das grandes inovações trazidas pelo correr dos tempos. Donde deduz que quem se preocupa com tais banalidades só poderá ser, pois, um «Dantas n.º 2». Neste caso, o texto não se mostra, sob o aspecto gráfico, tão profuso em exuberâncias, nem tão abundante em neologismos. De facto, para que os intuitos panfletários surtam efeito, é necessário que a comunicação com o leitor se processe de uma forma mais directa do que na secção anterior.

Um dos aspectos mais surpreendentes do *Negreiros – Dantas* é o que diz respeito ao modo como Levita sabe tirar partido do espaço dialógico onde se insere o texto. No plano do código, podemos considerar como referência a arte de vanguarda, e, em particular, o programa dos futuristas italianos. Os contactos do seu autor com o movimento de Marinetti não são, aliás, ocasionais, como o mostram as páginas de *I assim ... [...]* [Marnoto, 1988-89-90]. Numa nota dedicada à bibliografia do autor, que é colocada no início deste livro, apresen-

tam-se, de entre os projectos literários que tem em preparação, obras cujo título é deveras sugestivo, tais como *Junqueiro, o Almeida Garrett do futurismo*, ou *Camões como futurista*. Mas, para além desses antecedentes, ao nível do código, subjaz à sua letra um conjunto de textos literários cuja identidade ou é sugerida, como acontece em relação à produção de *Orfeu*, ou é assumida, como no caso do *Manifesto anti-Dantas*. Neste sentido, o *Negreiros – Dantas* erige-se em anti-texto.

Ao distinguir o cómico do humorístico, Umberto Eco [Eco, 1983] nota que o primeiro não põe em causa a regra, ao passo que o segundo o pode fazer. Em polémica com Bachtin, este crítico observa que o cómico não pode pôr por terra um determinado tipo de código, porque é em função da sua vigência que ele ganha razão de ser. A clássica cena do actor que é atingido por uma tarte de creme faz-nos rir, porque as tartes são para comer, e não para atirar à cara dos outros, e assim deve continuar a ser. Donde se deduz que o cómico reitera o valor da regra. O seu efeito joga, pois, com a competência do receptor, e deve ser imediato. Já o humorismo se define como percepção sensorial do oposto, o que implica uma crítica à regra, numa dimensão meta-semiótica e metatextual.

Tanto a sátira de Almada Negreiros como a de Francisco Levita se situam no domínio do humorístico. Estes dois vanguardistas visam, deliberadamente, destruir convenções.

O tipo de comunicação que o autor do *Manifesto anti-Dantas* estabelece com o seu público é, todavia, mais directo. Exemplo disso é a série de improperios dirigidos contra Júlio Dantas que se acumulam no seu início: «Uma geração com um Dantas a cavalo é um burro impotente», «O Dantas é um cigano», «O Dantas é Dantas». São muitas as frases bombásticas construídas a partir de um sujeito, o Dantas, seguido do verbo «ser», e de um nome predicativo, o que, em termos de pragmática, suscita a compreensão imediata de quem lê ou de quem ouve. Observa Eduardo Lourenço, com a perspicácia que lhe é habitual, que é próprio do Almada futurista

proclamar uma evidência que nos seria logo acessível se não começássemos por perdê-la, *pensando-a*. É, de algum modo, a inteligência que não nos deixa ver o *essencial*, é ela que nos priva daquele olhar que teríamos se fôssemos menos inteligentes. Se fôssemos, por exemplo, a «eterna criança»

[Lourenço, 1992: 15]

Mas, à medida que o texto vai avançando, e o poeta de *Orfeu* vai justificando as razões da falta de qualidade das peças de Júlio Dantas, o manifesto abre-se à dimensão do meta-semiótico o do metatextual. E Almada leva-o até aos limites do absurdo, quando explica porque é que a *Soror Mariana* é uma peça policial. /23

Levita opta por um tipo de escrita mais mediático, em virtude não só dos complexos processos de remissão implicados – quer no plano do código, quer em relação a outros textos já escritos e dos quais é feita uma paródia –, como também em virtude das elaboradas estratégias de cooperação textual que enformam o *Negreiros – Dantas*. O destinatário não pode ficar indiferente ao seu teor, porque é induzido a seguir o andamento contraditório da escrita.

A remissão para o plano da enunciação, patente na sua abertura, quando é dilucidada a génese do texto, funciona, pois, como um alerta para o leitor. Mas as relações que se estabelecem entre a prática literária de vanguarda que é assumida logo de início, e que será utilizada ao longo do texto, a parodiação dos seus frutos, primeiro, e depois uma crítica cerrada ao Almada do *Anti-Dantas*, num folheto que se apresenta, em termos convencionais, como *Uma página para a história da Literatura Nacional*, imergem-no num jogo de sentidos e contra sentidos verdadeiramente vertiginoso. Por consequência, os efeitos especulares das instâncias de mediação semiótica que caracterizam o humorismo são como que engrandecidos e distorcidos. Levita faz a caricatura das técnicas de vanguarda também utilizadas pelos de *Orfeu*, e complexifica os processos de mediação patentes no *Anti-Dantas*, para os voltar contra o autor deste manifesto.

Almada Negreiros é mais directo, e, da mesma feita, deixa maior espaço para a interpretação e o juízo do destinatário. A subtileza *coquette* de Levita, pelo contrário, reside na ilusão que oferece ao leitor de ser ele próprio a fazer e a desfazer a regra, e, como tal, a descobrir o que queria que ele descobrisse, que Almada é o Dantas n.º 2.

BIBLIOGRAFIA

- Calado, Rafael Salinas, (2^a1961) *O Chico Levita*, em *Memórias de um estudante de Direito. Coimbra, 1911, 1916*, Coimbra, Coimbra Editora
- Eco, Umberto, (1983) *Il comico e la regola*, em *Sette anni di desiderio. Cronache, 1977-1983*, Milano, Bompiani
- Castex, François, (1968) *Um inédito de Fernando Pessoa*, «Colóquio, revista de artes e letras», 48
- Galhoz, Maria Aliete, (1976) Introdução a *Orpheu 2*, Lisboa, Ática
- Lourenço, Eduardo (1992) *Almada ensaísta?*, em José de Almada Negreiros, *Obras completas V. Ensaios*, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- Machado, Mário, (1960) *Almada... em Coimbra*, «Rua larga», 35, 23-I-1960
- Marinetti, F. T., (1968) *Teoria e invenzione futurista*, prefazione di A. Palazzeschi, introduzione, testo e note a cura di L. De Maria, Milano, Mondadori
- Marnoto, Rita, (1988-89-90) *A obra de Francisco Levita, um futurismo inconcluso*, «Estudos italianos em Portugal», 51-52-53
- Negreiros, Maria José de Almada, (2^a1985) *Conversas com Sarah Afonso*, Lisboa, «O Jornal».
- Rivas, Pierre, (1975) *Le Portugal futuriste*, «Europe», 551
- Sá, Octaviano de, (1951) *O poeta académico Francisco Levita. «I assim...» – Poemas e o «Elogio do I...» – Um estudante bem conhecido da sua geração*, «O Primeiro de Janeiro», 11-XII-1951 [Crónica de Coimbra, assinado S.]



Negreiros — Dantas



UMA PAGINA

PARA A HISTORIA DA

Literatura Nacional

POR

Francisco Leal



Tip. Popular — Coimbra

Do Ricardo de Marescentos
com um abraço de eon
de "Vilê" ofee
Xicofevita

Negreiros – Dantas

**Uma pagina para a historia
da literatura portugueza**

Li no espaço este diário — impressões dum Eu ao abandono.

Fixei-o na retina e, com o auxilio da mente, transporto-o até vós. Tem erros de copi-ó-fixão? Não desminto as vossas ideias, se estas forem, pois o espaço é impreciso e a lente hipotetica do ar enebliado, devergio, talvez, uns raios letraes para o infinito, como que fugindo à camara escura da minha iris.

A revelação foi bem feita, o meu cerebro é um bom laboratorio fotografico.

Que hovesse influencia do oxigenio ou do Azoto nas frases deste estranho « psyché » não acredito, porque crer nestes corpos é crer no inexistente.

ESPAÇO NORTE

20 — Ancora roxa — Sofro o bem que me causaste; lamento a habitude do teu ser; padeço a beleza do estoicismo: — côr de ZZingué.

Brilhantes d'« Alem maR,
orquideas desfolhadas,
Tristezas do meu ser!

2 — ?côr da luz — Que estranha voz a de EEle!
Que grito, que gritttos! Meu Deus, minha côr da luz!
Salvai-me para a Morte!

Tan tan Tan nat naT tan Tan

Que horror! Que horror!

Ki ó îôr Ki ó rôr

São « De » borboletas os seus passos.

E eu continuo ouvindo isto, que é tudo, que é o eterno Nada, o mais velho dos velhos paraliticos gerais — Zais-Zais-Zais-Zais.

Ansias de não ser — 48 — côr de branco —
Estou puro e alvo, não tenho uma só nodoa! Odeio a benzina! Mas quero-lhe muito pela beleza do seu I; Mulheres, amoldai o vosso corpo á feição desta criação humana!

000 — côr de timbre — Li hoje o Werter. Ainda vivo. Conclusão: A sua alma não se encarnou na minha. Sinto, porem, que uma letra do seu nome já faz parte do meu Eu.

Se fosse o W!
Como seria feliz!
Assim padeço.

29 — côr de brazonado — Parto em viagem para Lá, serei o Eterno!...

Perfume-me todo para viver em terras do Alem!
Tenho na minha alma todas as côres de que sou amante. Será ela o Arco iris!?! Não, Não, Não é! é a mais completa e preciosa caixa de tintas! Ah! Ah! Ah! Como eu sei pintar com elas no impossivel! Ih! Ih! Ih!

Que telas eu produzo! Eh! Eh! Eh!
Que raridade de côres! Uh! Uh! Uh!
Eu vou partir! Oh! Oh! Oh!
Adeus! Adeus! Adeus!
P V M T R.
Hip. Hip. Hip.

48 — côr de GaliZZZa — Baldeio o eu p'ra nada ser. Corro p'ra p'ra p'ra p'ra p'ra (e ainda estou parado).

E se eu andasse como as creanças? Ai! Ai!
Quero fazer ó! ó!
O' PaPão vai-te embora De cima desse telhado.
Trrrrrrr.

Aventei-me ao espaço Sul e enxerguei somente um fumo que, em forma de espiral de enbrionagem, bailava o nome Almada. . . Negreiros; José!—Entre um quadrado! Aponte esse corpo volátil como apontaria qualquer outro. Julguei-o, logo, um, cretino, porque, só, um, cretino, e, Sem, taLento, foge, das aureoladas, EsperançaS, Espaço, Norte, para, Espaço, de, Sul, e, de, lá, faz, refletir, o, seu, diário, em, fragmentos, álaia, de, meio bife de taberna, ou, de, serviço, obrigatorio, de, W. C, em, dia, de, beberagem, da tal Magnésio, Dantas. Os meus pensares confirmaram-se quando o pateta que se diz Futurista e Tudo, lançou praí um manifesto em prosa de algodão, tratando dum outro imbecil: o Sr. de Dantas!!!,, Já é preciso ser Rasco em literatura pra se prender com tal banalidade!!! E' necessario serse idiota ou burro, tarado ou imbecil, ou Dantas, ou cretino ou Almada Negreiros!!!

Julga o Dantas destalentado porque usa ceroulas de malha!

E' burro, positivamente, é burro, 30 milhões de vezes BURRO.

O Cretino não sabe que se essas ceroulas forem de côr de « Nile » dão intelecto ao possuidor?

E diz-se Futurista e diz-se Tudo!

Burro, burro é que V. é!

Diz que o Dantas cheira mal da boca, e V. tem bidet no quarto?

Este Sterico que eu já vi fazer de gaivota, bailando em noites de podridão, classificou-se agora, é o

DANTAS

N.º 2
